

**Amor e corpo como norma: uma compreensão fenomenológico-hermenêutica da homofobia**

**Love and the Body as Norma: a phenomenological-hermeneutic understanding of homophobia**

Felipe Miranda Zanetti<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Psicólogo e supervisor clínico; especialista em psicologia clínica fenomenológico-existencial (PSICOLOG/UNIFEG). Docente do curso de psicologia do Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva – IMES. E-mail: [felipezanetti.mz@gmail.com](mailto:felipezanetti.mz@gmail.com)

## **Resumo**

No mundo contemporâneo aparecem inúmeras experiências de violência com indivíduos que transgridem a normativa moral. O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise fenomenológico-hermenêutica da experiência do medo por um casal homoafetivo traçando um olhar crítico sobre as perspectivas de conhecimento que nascem do mundo ocidental. Assim, quer-se construir um modo de visão que possa contemplar amor e desejo como fenômenos históricos, colaborando para um modo de compreensão das experiências humanas, contemplando seu caráter de trânsito, de movimento constante. Conclui-se que o medo se articula a partir de possibilidades históricas de um mundo que doa sentidos para os modos-de-ser, ou seja, medo é um fenômeno *intencional*; compreende-se também que a violência às alteridades não-normativas pode estar atrelada a um desvio de relacionar-se com seu caráter de indeterminação e fragilidade ontológica, assim, deparar-se com modos de vida tão destoantes da adequação que o mundo ocidental preconiza possibilita o fenômeno de *inclusão pré-ontológica*.

**Palavras-chave:** fenomenologia hermenêutica; sexualidade; normatividade; homofobia; clínica psicológica.

## **Abstract**

In the contemporary world, there are numerous experiences of violence with individuals who transgress moral norms. The present work aims to carry out a phenomenological-hermeneutic analysis of the experience of fear by a homosexual couple, tracing a critical look at the perspectives of knowledge that are born in the western world. Thus, we want to build a way of seeing that can contemplate love and desire as historical phenomena, contributing to a way of understanding human experiences contemplating their character of transit, constant movement. It is concluded that fear is articulated from the historical possibilities of a world that gives meanings to ways-of-being, that is, fear is an intentional phenomenon; it is also understood that violence against non-normative alterities can be linked to a deviation from relating to its character of indeterminacy and ontological fragility, thus, facing ways of life so far from the adequacy that the western world advocates makes it possible the phenomenon of pre-ontological inclusion.

**Keywords:** hermeneutic phenomenology; sexuality; normativity, homophobia; psychological clinic.

## Introdução

Vale começar este estudo a partir de um apanhado histórico, pois, antes de mais nada, é preciso buscar compreender o “como” das articulações dos fenômenos contemporâneos, e esse “como” se dá a partir da historicidade.

Segundo Silva e Cunha (2013) o amor é uma questão que cruza os acontecimentos históricos; na mitologia grega, por exemplo, a guerra de Tróia acontece em nome do amor de uma mulher. Segundo os autores, em 3100 a. C. o patriarcado começa a se formular como base de relacionamentos humanos, assim, é possível perceber nas sociedades gregas e romanas uma distinção extremamente nítida entre a liberdade feminina e a masculina. Assim, em seu estudo, eles demonstram como a referência e a soberania do masculino se fazem fortes no decorrer da história.

Quando o cristianismo passa a ganhar força, as noções sobre sexualidade passam por uma transformação radical, e da valorização do prazer e do gozo nasce uma defesa à castidade e à virtude moral. Durante a idade média, a concepção de verdade se dava a partir de dogmas<sup>2</sup> (Feijoo, 2021), e podemos observar isso a partir dos ensinamentos da igreja. O Catecismo da Igreja Católica (2011) demonstra, de maneira bastante clara, a posição que o cristianismo construiu ao longo do tempo em relação ao amor e ao sexo. Ao falar sobre o tema, o documento cita inúmeras vezes o binarismo – homem e mulher – como uma condição humana, e constantemente se refere ao conceito de natureza ao tratar de sexualidade e do ato sexual. Assim, para os cristãos – segundo esse documento – “o prazer sexual seria desordenado se buscado por si mesmo, isolado das finalidades de procriação e união” (p. 609), visto que sua função natural é a procriação e a continuação da humanidade.

Nota-se, assim, que igreja interfere na normatização do matrimônio desde a reforma gregoriana no século XI, impondo a monogamia e o celibato, bem como estando atenta aos interesses ligados à transmissão de riquezas, à distribuição do poder, à conservação das linhagens... (Silva & Cunha, 2013).

Michel Foucault (2014; 2019) não vai hesitar em colocar as instituições religiosas como espaços de formulação dos modos de existir, assim, é possível já entendermos que esse tipo de saber disseminado pelo cristianismo vai determinando percepções naturalizadas da vida – e não obstante disso, da sexualidade. O autor afirma ainda que a ciência passa a ganhar maior potência

---

<sup>2</sup> Dogma é algo relacionado à doutrina religiosa e considerado inquestionável, indiscutível. São ideias ou preceitos irrefutáveis. (Dicionário Aulete)

na modulação das subjetividades apenas na passagem do séc. XVIII para o XIX, pois até então a igreja era a detentora das verdades dogmáticas sobre a vida.

Segundo o cristianismo, “a alternativa é clara: ou o homem comanda suas paixões e obtém a paz, ou se deixa subjugar por elas e se torna infeliz” (Catecismo, 2338). Há aqui uma noção naturalizada sobre as paixões, os afetos, visão influente nos modos de compreensão de mundo e que interfere na organização social até os dias atuais.

A partir do séc. XIX, a ciência começa a ganhar maior força, por uma necessidade da burguesia da época na construção de um saber que determina o saudável do corpo. Para poder controlar o que seria saudável, a sexualidade nasceu como um dispositivo de modelação dos corpos e de sua normalidade (Foucault, 2019). Nessa direção, com a falência da dogmática como caminho da verdade, abre-se espaço para que a metafísica das subjetividades se instaure a partir de um método que busque a determinação essencial da verdade (Feijoo, 2021).

A ciência, com sua busca pela verdade e pelo domínio do objeto conhecido, impôs sobre o corpo uma série de minuciosos processos para conhecer e catalogar sua naturalidade. A partir de um conjunto de estratégias, modelou-se o corpo da sexualidade coletiva (Foucault, 2019).

Assim, tanto religião quanto ciência moderna construíram um modo de compreensão da vida dotado de uma natureza, uma essência, entendida como algo que não se modifica dentro das variações temporais da história. Fato que buscaremos questionar neste estudo.

Embora distantes temporalmente da contemporaneidade, esses acontecimentos não findaram sua influência. Em 2019, o movimento “Psicólogos em Ação” disputou as eleições para o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e também para os Conselhos Regionais. Essa chapa tem como ideia principal a defesa do que seria denominado popularmente de “cura gay”, defendendo inclusive revogar as resoluções do CFP que delineiam normas éticas para atuação com o público LGBTQIA+ (Humanista, 2019). Esse grupo defende a orientação sexual como uma “opção”, e, portanto, seria reversível a partir de processos terapêuticos específicos.

É possível reconhecer aqui a permanência de saberes alicerçados em preceitos, de início, cristãos, e que vão, no decorrer do processo histórico ocidental, adentrar nas ciências. Princípios morais e religiosos parecem se confundir, de maneira bastante complexa, em saberes científicos.

A partir dessa pequena discussão, é possível perceber que começa a se estabelecer, pela religião e pela ciência tradicional, a naturalização do sexo, do amor e da vida.

Este trabalho visará, portanto, propor reflexões, a partir da fenomenologia hermenêutica, que tensionem as visões naturalizadas dentro dos saberes científicos e morais. Nesse sentido, estando a psicologia e a psiquiatria imersas em um campo de saber naturalista,

é possível pensar a sexualidade e os corpos fora de uma dinâmica natural? A favor de que trabalham os saberes naturalistas quando dizem respeito a sexualidade, desejo e amor? Como reconhecer e compreender a violência aos diferentes – dentro das experiências individuais – a partir de um modo de pensar que não seja atrelado às ciências naturais e ao senso comum?

Para colaborar com a compreensão do que está sendo proposto, será discutido um caso clínico para auxiliar na percepção fática de como tais influências naturalistas e dogmáticas atravessam as relações humanas, seus sexos, seus desejos e amores.

## **Método**

Este trabalho, como uma proposta de caminho fenomenológico para a compreensão de uma experiência contemporânea de vivência sexual – com um recorte sobre uma experiência homossexual –, apoia-se na proposta fenomenológico-hermenêutica que tem base nas ideias heideggerianas. Para tanto, este método, a partir do filósofo em questão, recebe delineamentos mais próprios para as investigações em psicologia por meio das ideias de Ana Maria Feijoo.

A autora em questão propõe esquematizar as pesquisas pela linha fenomenológico-hermenêutica pois, dentro do processo histórico da fenomenologia como método de busca pela essência dos fenômenos, mantém-se ligada à fenomenologia de Husserl que visará *suspendere* as atitudes ditas como naturalistas – e, portanto, resguardará o termo “fenomenológico – e, posteriormente, proporá uma compreensão hermenêutica dos fenômenos por meio das noções heideggerianas (Feijoo, 2021).

Tal método se constituirá por três momentos distintos: 1 - construção; 2- destruição; 3 - reconstrução; por meio de um olhar fenomenológico-hermenêutico.

No primeiro momento é preciso que se faça um movimento de recapitulação da maneira como os fenômenos são posicionados nas noções naturalistas – inclusive pelas ciências. “Para dar um passo atrás ou reduzir<sup>3</sup> fenomenologicamente o fenômeno que queremos investigar, temos que, primeiramente, refletir acerca das determinações do mundo em que nos encontramos, no que diz respeito àquilo que pretendemos pesquisar” (Feijoo, 2021, p. 96) Esses primeiros passos podem ser observados na breve introdução já realizada neste estudo.

Em um segundo momento, é preciso que se realize o acompanhamento da experiência a ser investigada, para que assim ela própria possa dizer por si (Feijoo, 2018), para que, após isso, aconteça uma descrição dos vetores internos do fenômeno a ser investigado e, por meio

---

<sup>3</sup> Este termo diz respeito à noção de *redução fenomenológica* de Husserl, que pode ser melhor compreendida nas explanações de Feijoo (2021) de maneira mais detalhada.

do acompanhar desses vetores, demonstrar a insuficiência das compreensões naturalistas para o estudo proposto. “Procedemos de modo a poder mostrar que as verdades posicionadas pela ciência moderna acerca do fenômeno investigado não são nem eternas nem atemporais, elas são posicionadas em certo horizonte histórico de sentido” (Feijoo, 2021, p. 97).

No terceiro momento, queremos reconstruir um modo de olhar para o fenômeno, ou seja, “inaugurar outro modo de se posicionar frente ao fenômeno” (Feijoo, 2021, p. 98). Pretende-se, portanto, desvelar o fenômeno na forma como ele se mostra em seu campo de mostração mediado por seu horizonte histórico, em sua época de acontecimento.

Válido é ressaltar, como bem nos aponta Maux e Dutra (2020), que o processo de análise, compreensão hermenêutica e crítica aos modos naturalistas se dá desde o início da pesquisa, e não necessariamente como uma fase que ocorre sempre após a coleta do material. As etapas do método dialogam entre si, complementam-se e constroem uma teia compreensiva para a articulação de um novo modo de olhar.

### **Saber tradicional e sua (in)capacidade de capturar o essencial**

Foucault (2019) defende a concepção de que o Ocidente é dotado de uma *vontade de saber* que tende à busca de uma verdade determinada e catalogada dos fenômenos que se mostram a conhecer; a ciência aqui se articula como uma ferramenta que arranca a verdade, de maneira detalhada e minuciosa, daquilo que se busca conhecer.

Formular tais concepções sobre a ciência assusta de início, pois é ela a responsável pelo avanço social e humano que temos experimentado. É ela que também, durante a pandemia da Covid-19, tem nos dado esperança de uma pequena segurança perante o caos. Entretanto, não é coerente caracterizar o modo de saber positivista como o ideal para conhecer e proporcionar o desvelamento de todos os fenômenos que se dão no mundo, sobretudo os modos de existência.

A perspectiva científica ocidental mais tradicional está atrelada às noções de que o humano, ou melhor dizendo, seu aparelho psíquico, ou seu aparato comportamental, estão dispostos às investigações científicas e devem, nesse sentido, ser posicionados como objetos de conhecimento (Feijoo, 2017).

Tradicionalmente, as ciências agem como agem exatamente por entenderem, de forma naturalista, que cada objeto conhecido está dotado de uma essência passível de entendimento humano e, portanto, basta-nos a capacidade metodológica de encontrar uma cadência de observações e ferramentas que nos facilite a conhecer, a ver, a verdade do ente a ser conhecido (Bariani, 2018).

As ciências humanas, e de forma bastante forte, as ciências destinadas aos estudos da psicologia, foram tomando espaço buscando se reconhecer, também, como uma ciência com pressupostos metodológicos que a assemelham às ciências positivistas (Feijoo, 2017). Nessa direção, com o advento da técnica moderna, tudo se torna útil segundo uma metodologia, inclusive o sujeito (Mattar, 2016).

Observa-se, então, que o mundo ocidental fomenta um modo de conhecimento científico que compreenda o humano, a partir de modelos naturais, que busquem, para o psíquico, o metafísico, uma cadência orgânica da mesma forma como para o corpo biológico.

É possível reconhecer tais questões quando nos manuais médicos a homossexualidade, a vivência dos transgêneros e várias outras formas de expressões de sexualidade e desejos foram consideradas doenças. A livre expressão dos corpos é adoecida pelo enquadramento da vida nas noções científicas mais tradicionais e naturalistas.

É exatamente a ideia de uma substância, pensada como presença constante propriamente dita, algo que continuamente está colocado no mundo de forma imutável, que vai levar Descartes a construir seu método, e levar suas ideias a um lugar de grande força para as ciências (Casanova, 2017).

Pensar substância é pensar uma certa natureza, um modo de funcionamento constante que não se modifica, e se o faz, precisa ser consertado. Substância é essência imutável. É isso que se dá – aparentemente – com o corpo biológico, um modo adequado e essencial de funcionamento, e parece ser isso que temos buscado, de forma mais tradicional, fazer com a vivência humana.

Entretanto, em últimas consequências, qual a real garantia de que o conhecido, o observado, através do método científico tradicional com viés naturalista, consegue a afirmação da verdade constantemente? (Bariani, 2018)

O princípio procriativo não faz deixar de existir desejos e amores que desafiam essa lógica natural. Amor não parece estar ligado ao princípio procriativo, pois não se reduz a ele.

Pensando em uma dimensão mais próxima de nossa questão, é possível ver crescer, a partir das influências já citadas - naturalidade e substancialidade – uma psicologia pautada em um entendimento do sujeito como um sujeito cerebral, neurológico, detentor de um órgão central que direciona suas ações e afeições diante das possibilidades do mundo (Matar, 2016). Assim, reorganizações de sinapses, recomposições de substâncias neurológicas a partir de psicotrópicos, poderiam recompor o modo normal de cadência da vida. O cérebro seria então o centro da vida, e consertar sua forma de funcionar seria a maneira de tornar a vida saudável.

Agir dessa forma leva a adequar em parâmetros, abre possibilidade para que a vida ganhe pressupostos de uma essência de funcionamento saudável e normal. Nesse sentido, ciência natural conhece para poder catalogar e diferenciar o conhecido (Foucault, 2019), ela trabalha detalhando para assim controlar (Foucault, 2013).

Dizendo de outra forma, ela age como Procusto na mitologia grega: corta o corpo daqueles que são maiores do que as camas que ele oferece; estica aqueles que são pequenos demais para tais leitos. Quando não consegue explicar, a ciência tradicional adequa o fenômeno aos seus limites compreensivos (Bariani, 2018). Assim, “Proliferam-se disciplinas que cuidam de desenhar mapas, perfis e diagnósticos com o fim de dizer ao homem o que ele é, o que ele quer e como deve atuar, pensar e sentir” (Feijoo, 2020, p. 22).

Estamos, nesse sentido, observando a articulação de um modo de fazer ciência, de um método científico, que vai reconhecer os fenômenos humanos como dotados de propriedades, assim como as ciências naturais o fazem. E como todo saber diz respeito a uma influência formativa dos corpos (Foucault, 2014), esse modo de construir conhecimento vai interferir na visão coletiva sobre os modos de vida.

Mas, o que se perde nessa adequação? Perde-se o mais essencial: o movimento da existência em acontecimento.

Como muito trabalhou Heidegger para mostrar, dependemos de nosso horizonte histórico para a formulação de nossos modos de ser (Feijoo, 2011; Casanova, 2017). Portanto, o mundo ocidental com sua tendência de detalhamento, controle e produção dos corpos, tende a modelá-los a partir de suas métricas científicas dotadas de normalidades.

### **Saberes ortopédicos**

Qual a problemática que se articula por esse modo de construção da ciência Ocidental? Se a vida difere do naturalismo, o ímpeto ocidental de reorganização e conserto força a entrada da naturalidade nas relações humanas.

As estruturas históricas delineiam modos de vida específicos, elas vão dar articulações fáticas para vida, articulações pelas quais os indivíduos precisam se movimentar (Casanova, 2017). É em meio a esse saber natural – histórico – que a vida no ocidente vai precisar se organizar. Esse conjunto de normatividades abrem *sentidos* específicos para os modos-de-ser (Cabral, 2020). São regras de regulação e organização dos corpos em seus espaços sociais a fim de potencializar seu “funcionamento” adequado (Foucault, 2019).

A grande problemática se instaura no momento em que se parte de uma compreensão da existência como um fenômeno em constante acontecimento em fluxo. A partir daí é possível perceber que o modo de conhecer científico natural realiza, por seu fazer quantitativo e substancial, uma violência identitária aos modos-de-ser, um enclausuramento das individualidades dentro dos padrões catalogados (Cabral, 2018/2020). Vemos emergir uma ciência humana – sobretudo na psicologia e na psiquiatria – interessada nas nomenclaturas, nos diagnósticos, a fim de estabelecer procedimentos corretos, posteriormente, para proporcionar saúde e normalidade, mas que se esquece do caráter de fluxo constante da vida. “Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” (Foucault, 2019, p. 156).

Nossa questão é que a ação formativa da vida direcionada à naturalização dos corpos não contempla a dinâmica performática do existir: por meio das correções técnicas, afetos perdem sua dinâmica, sonhos desmistificam-se em interpretações pelos manuais, desejos são domados... “O homem passa a não saber mais como lidar com sua existência. Necessita de alguém que o diga, incluindo porque esse alguém tem algo a dizer; o homem da ciência sabe antecipar, controlar e guiar o caminho correto e reto” (Feijoo, 2020, p. 19).

Mas como o sexo, o corpo, o desejo, tornam-se foco? A burguesia, no decorrer histórico ocidental, detalha minuciosamente os corpos para descobrir algum modo de permanência de sua vida e seu futuro; assim, instaura-se a permanência dos corpos bons e o abandono dos não-bons (Foucault, 2019).

O que salta aos olhos em toda a discussão de Foucault no primeiro volume da *História da Sexualidade* é que por meio do sexo, ou seja, com o dispositivo da sexualidade, é possível modelar a vida e seus modos saudáveis de experiências. Estamos falando de saúde, formas corretas de ação, maneiras de organização da vida que fossem coerentes com a suposta essência substancial humana. Assim, surgem corpos bons e corpos não-bons.

Para essa tradição positivista, as ciências da vida precisam agir corretivamente, o que as leva – sobretudo as de saúde mental – à *ortopedia das existências* (Cabral, 2018). Ou seja, já que há de antemão um modo adequado de vida, é preciso dar manutenção ao quebrado, corrigir a fratura. Quando isso se dá, aparentemente se desvela um modo de percepção do humano que o coloca no lugar de incapaz, de alguém que não sabe posicionar a *medida* de sua própria existência (Feijoo, 2020).

Estamos, por fim, tratando de uma dimensão do mundo ocidental que determina e direciona formas de ação, formas de vida, formas de corpos, formas de afetos, e não menos importante, de desejos, louváveis ou não (Foucault, 2019; Cabral, 2020; Cabral, 2018). “A vida,

então, começa a ser regulada pelos diversos poderes que se fortalecem com o apoio da ciência” (Feijoo, 2020, p.19), e vai tornando os espaços de convivência dotados de delimitações, restrições, àqueles que não devem estar ali por conta de sua não-adequação às organizações das relações “normais”.

Entretanto, pensar a existência, a vida, direciona-nos ao seu caráter de incompletude: ao delimitar, algo escapa. A existência humana tem um caráter de escapada, sempre que tende a ser definida e capturada, redefine-se e movimenta-se (Cabral, 2018). A ciência falha em seu alcance justamente pois só é possível de alguma forma conhecer o fluxo existencial da vida estando – como bem trabalha Ana Maria Feijoo (2020) – na terceira margem do rio de Guimarães Rosa, ou seja, no fluxo corrente das águas, na existência em movimento.

Assim concorda Binswanger (2019), já que para ele o espírito humano tem um movimento de indefinição constante. Para o autor, a vinda da existência nunca chega a uma meta, viver significa um estar em casa e um irromper ao mesmo tempo.

Nesse sentido, quer-se defender que para haver uma ciência coerente ao existir, ou dizendo de outra forma, para haver um modo de saber coerente com o movimento da vida, é preciso um fazer que saiba acompanhar e não definir.

Agir de maneira *ortopédica* violenta a dinâmica performática das existências, naturalizar a vida nega o mais fundamental desta mesma, ou seja, seu processo criativo livre.

Mas como essa violência pode ser observada? Em que lugares ela aparece no cotidiano? É isso que se quer mostrar a partir de um olhar fenomenológico-hermenêutico.

### **O corrigir em ação: afirmação e reafirmação do lugar dos corpos desajustados**

Amores, desejos e paixões não obedecem a um imperativo de norma.

Quer-se, neste ponto, demonstrar na facticidade das relações as formas como as determinações sobre a vida se mostram e se fazem verdade, dizendo de outra maneira, como os imperativos substanciais agem nos modos de ser-com-os-outros.

Para a realização dessa tarefa, serão apresentados pequenos trechos de uma experiência clínica que se deu a partir da perspectiva fenomenológico-existencial. A paciente em questão será chamada de Mel (nome fictício).

Mel se reconhece como mulher bissexual, e hoje consegue ter maior liberdade em vivenciar sua sexualidade por estar morando longe da casa dos pais. Na cidade onde reside, começou a vivenciar um relacionamento com outra garota e vários sentimentos surgiram entre elas, porém, mesmo estando distante de sua família e em um espaço onde vivências

homoafetivas são comuns – segundo a própria paciente –, Mel relata não conseguir sentir-se tranquila com sua atual relação.

### **Apenas um olhar?**

“Temos passado muito tempo juntas, tem sido muito gostoso, sabe, mas a gente fica estranha na frente dos outros”. Essa é uma das falas trazidas pela paciente quando diz dos seus encontros com a garota que tem mantido relação amorosa. Nos diversos lugares aonde vão, Mel sente que ficam estranhas na presença de mais pessoas, mesmo seus amigos.

É preciso questionar o que permite tal afinação com os espaços onde estão. Essa fala remete a pensar quais as condições de possibilidades que abrem espaço para que essa estranheza apareça como sentido da experiência em questão. Como casais homoafetivos, ou ao menos em nosso caso, como Mel encontra em seu horizonte histórico possibilidades de se afinar a esse contexto dessa maneira específica? Todos os tipos de casais estariam desconfortáveis caso fossem observados em sua intimidade ou proximidade?

Podemos pensar a experiência de Mel a partir da ideia de *vigilância* (Foucault, 2014), que está presente nos *recursos para um bom adestramento* das vidas. É fundamental para a manutenção de um status social moralmente adequado que os corpos desajustados não sejam vistos, aceitos ou recebidos, quase sempre, em espaços públicos. Esse receio de receber olhares possivelmente está ligado à naturalização do desejo e do amor, em que corpos iguais não podem se aproximar de maneira a trocar afetos, carinhos, intimidade, pois é contrário ao que se entende por naturalidade do sexo.

“Passou uma senhora, e a gente ficou em choque” é uma outra fala que surge em seu relato e que demonstra a força do olhar dos outros sobre a relação em questão. Como nos diz Machado de Assis, “a opinião é um velho óleo incorruptível” (1904, p. 49). É como se estivessem a fazer algo proibido e, quando pegas pelos olhares, precisassem da vergonha ou do desconforto para lidar com a situação.

Holzhey-Kuns (2018) diz que a vergonha é uma experiência que carrega em si um cunho pré-ontológico, ou seja, está atrelada a um caráter de impossibilidade de encobrimento, por parte de humano, daquilo que se é em sua vivência corporal. Envergonhar-se é estar exposto ou exposta de maneira a não conseguir se recolher do enquadre, do flagra.

Mas tal envergonhar-se não parece se eximir de seu caráter histórico e epocal. Tais desconfortos não nascem ao acaso, não nascem de uma subjetividade interior substancialmente posicionada, mas nascem, sim, de uma relação histórica com as possibilidades de afetação de

um tempo específico. Só se envergonha porque se sabe que, culturalmente, o que se faz é inadequado.

O que esse relato de Mel demonstra é a corporificação de sua relação com seu espaço de vida histórico. Como ainda nos colabora Machado de Assis, “o olho do homem serve de fotografia ao invisível, como o ouvido serve de eco ao silêncio” (1904, p. 48).

O que a paciente *compreende* em sua vivência é, em si, o caráter histórico de modelação dos corpos para a natureza heterossexual, e, junto a isso, a também *compreensão* da inadequação de sua vivência relacional com sua parceira aos ideais. Elas rompem a norma e *compreendem* isso.

### **O medo compreendido**

Como bem descreve Marco Casanova (2018), medo é uma questão sempre *intencional*, tem-se medo daquilo que pode nos causar prejuízo de alguma forma. Dizendo de outra maneira, teme-se aquilo que se mostra, intencionalmente, como temível dentro de um espaço histórico doador de significados específicos para o temível.

Seguindo os relatos clínicos, Mel diz: “Fomos na rua comprar cookie, estávamos de mãos dadas, daí passou um cara por nós e cochichou alguma coisa pra mim que eu não entendi. Fiquei com medo!”.

Ora, como se teme o que não se ouve com clareza? Como se amedrontar por algo não ouvido? Para isso, Casanova (2018) escreve:

Na medida mesmo que não se tem como pensar o temor sem que algo temível apareça, o temor não pode se dar sem a permanência estável daquilo que Heidegger chama na primeira parte de *Ser e tempo* de *totalidade conformativa*, ou seja, de totalidade de referências utensiliares articulada por sentido, e, com isso, ele precisa se movimentar no interior do horizonte fático vigente no mundo cotidiano. É, em verdade, a circunvisão que descobre aqui o algo temível, assim como esse algo aparece como dotado de uma propriedade ameaçadora, sem que a evidência de tal propriedade tenha alguma coisa em comum como uma apreensão de uma propriedade essencial de algo ameaçador. (p. 284)

O que isso significa? Que qualquer coisa pode ser temida a depender de seu significado utensiliar dentro de um horizonte histórico específico. Um indivíduo qualquer, em uma rua qualquer, que resmungue algo inaudível, mostra-se ameaçador dentro de um espaço histórico-temporal que tenha possibilidade de violação de alteridades fora da norma em seu modo de ser e amar.

É o horizonte histórico, é a capacidade ontológica de *compreensão*<sup>4</sup>, é a experiência hermenêutica inerente a toda existência, que abre tal experiência como temível, mesmo que não se ouça o que foi dito. No campo significativo desse mundo onde Mel existe, esse homem aparece como ameaçador na medida em que ele, dentre formas possíveis de ação, tendenciosamente está decaído e tomado de pré-conceitos em relação às alteridades homoafetivas.

Essa dinâmica de reconhecê-lo como agressivo tem base em experiências anteriores de Mel e, sobretudo, em um horizonte histórico específico. “A facticidade do existir singular é a voz da totalidade dos sentidos de seu tempo” (Protasio, 2012, p. 822). Não há como dizer quais indivíduos são ou deixam de ser potenciais agressores, entretanto, muitos aparecem dessa forma por estarem imersos em determinações históricas que possibilitam tais modos-de-ser.

### **Imposição da docilidade?**

Para Byung-Chul Han (2017) já passamos o período de docilidade dos corpos, estamos sim em um momento de sobrecarga, estamos em uma *sociedade do cansaço*. Nesse tempo histórico, é exigido um desempenho tamanho em tantas habilidades que, aparentemente, temos chegado a um desgaste de nossas dinâmicas existenciais.

Mel diz algo que colabora para o delineamento fático do que esse autor trata: “me meto em tanta coisa que não dá tempo de lutar pelas causas LGBTs”. Ela relata desejar lutar pelo seu direito de amar com tranquilidade, ou seja, ela relata querer modificar, a partir de seu engajamento em grupos que lutam pelos direitos LGBTQIA+ – e que em nossa compreensão destinam-se à luta pela liberdade de amar e desejar de todos –, mas sua dinâmica de vida a direciona a tantas outras tarefas que não existem, atualmente, espaço e tempo para o engajamento em lutas que sejam coerentes com suas necessidades de vida pessoal.

É tanta exigência que não há tempo para lutar pelo direito de amar com liberdade. Antes disso é preciso constituir família, trabalhar, pagar dívidas, conseguir sucesso acadêmico e profissional, ter religião, vestir-se bem, ter um bom corpo, ter saúde, ter motivação, possuir um bom carro e uma casa satisfatória... Há tantas outras demandas que se articulam como fundamentais que falta espaço existencial para agregar demandas mais próprias coerentes ao desejo.

---

<sup>4</sup> Para maiores detalhamentos sobre tais termos: Casanova, M. (2017) *Leituras fenomenológicas de Ser e tempo*: volume um: existência e mundaneidade. Rio de Janeiro: Via Verita.

É curioso. Para Binswanger (2019) é pelo desejo – que no texto ele denomina por Eros – que a existência encontra suas possibilidades diversas para ser. Holzhey-Kuns (2018) trata o desejo tendo um vínculo direto com o vazio da existência e, portanto, direcionando, a partir da indeterminação, cada vivente por meio de suas articulações com o mundo. Assim, como as dinâmicas de ações do poder não conseguem estancar o movimento incessante da existência, parecem tê-la sobrecarregado a fim de não poderem agir em direção à sua liberdade.

Não há tempo de realizar determinados desejos, ou, poderíamos ousar dizer, tenta-se controlar até o que se deseja...

Quando a sobrecarga falha, outras formas de adequação dos corpos podem se fazer presentes. Como bem coloca Holzhey-Kuns (2018), a violência é uma das formas de tentar estancar o descontrole da vida.

### **A historicidade dos corpos: um vir-a-ser**

Ailton Krenak (2020), quando trata sobre a condição do mundo natural, diz claramente que a natureza não necessita da existência do humano para sua sustentação – as árvores, os animais, os rios continuarão sua dinâmica biológica independente de estarmos aqui ou não.

Tais entes não seriam reconhecidos como são sem a presença do ente humano no mundo, mas, independentemente de sua significação, seguiriam sua dinâmica de ser pois não dependem de um mundo histórico recheado de significados articulados por sentidos para estabelecerem seu modo de funcionamento. São eles, portanto, dotados de uma natureza determinada. Mas não o humano, cada modo de ser, cada subjetividade, necessita indispensavelmente das doações históricas do mundo para ser, isso simplesmente por não sermos possuidores de uma essência natural que nos garanta nossa posição constante no mundo.

Em sua ontologia fundamental, Heidegger defende a existência passando a se dar a partir de sua *indeterminação* originária, de sua *nadidade* estrutural, sendo assim dependente de uma *decadência* em um mundo histórico para poder articular-se em seus modos-de-ser (Casanova, 2017; Cabral, 2018; Feijoo, 2011; Feijoo, 2017).

Binswanger (2019), em sua fenomenologia antropológica, compreende as vivências humanas sempre em articulação com sua história de vida, com suas experiências que dão condição para a modulação do que se mostra no presente. Ademais, para ele, o devir existencial vai se dar por um espírito aberto mobilizado pelo desejo.

No existencialismo francês, Sartre (1970) segue na mesma direção, compreendendo o humano como *projeto*, primeiro existindo para somente depois constituir essência, sendo, dessa forma, responsável pelos movimentos que imprime em seu ser a partir de suas escolhas.

Podemos também falar de Kierkegaard, um autor fundamental para a fenomenologia. Quando Myrian Protasio (2012) discute as ideias kierkegaardianas, ela diz que “a facticidade do existir singular é a voz da totalidade dos sentidos de seu tempo” (p.822). Neste trecho a autora demonstra a importância que Kierkegaard dá ao tempo histórico no qual cada indivíduo está inserido, sendo este fundamental para a compreensão de cada existência.

A vida é histórica. Existir depende da historicidade de cada momento. Cada vivência constitui-se temporalmente em um horizonte histórico específico.

Foucault (2014; 2019) não está longe também desse entendimento. Esse autor constrói uma obra vasta importando-se, diretamente, com o desenrolar das relações de poder no tempo histórico, sendo essa dinâmica fundante de cada modo de ser e de existir. O método de Foucault consiste diretamente em reconhecer que as coisas todas não passam de objetificação de práticas (Mattar, 2016), ou seja, o poder, em seu modo formativo, formula os corpos e as compreensões possíveis que cada indivíduo tem do mundo ao seu redor e da vida em sua dinâmica, acabando por, na maioria das vezes, enquadrar as vidas, os corpos.

Butler (2000) e Louro (2000) demonstram de forma bastante clara que sexos e corpos estão intimamente ligados a determinações históricas e culturais e, portanto, não são mais compreendidos como substratos naturais a partir de um imperativo biológico, mas como um produto relacional como os modos de corporação de um tempo histórico específico.

O que não se deve perder de vista nesta perspectiva é que tanto história quanto existência estão em um constante fluxo temporal. A indeterminação ontológica da existência, sua dependência das dinâmicas históricas e temporais, colocam-na em um fluxo incessante que não pode ser aprisionado. Existir é mover-se incessantemente diante das possibilidades existenciais antes colocadas pelos contextos históricos.

Logo, a questão não é criar um outro imperativo, mas sim tensionar as determinações para que se possa dar espaço para articulações de existências livres para seus modos-de-ser. Dizendo de outra maneira, possibilitar formas que coloquem, paulatinamente, as diversas existências em contato com seu caráter performático e indeterminado sem que para isso utilize-se de violência para negar tais traços ontológicos.

Como resultante das práticas de saber ocidentais, têm-se mutilado modos distintos de viver, sobretudo na dinâmica do amor e do desejo. Mas nesse ponto já podemos deixar claro que o amor como conhecemos atualmente não é como é por um substrato naturalista, ele ocorre

por articulações históricas, por estruturas que dão condição para que relações se deem no sentido específico deste tempo (Silva & Cunha, 2013).

Também já fica claro que tudo o que está atrelado às dinâmicas performáticas da história está disposto a modificações constantes, assim também ocorre com as formas de amar e desejar. O que conhecemos hoje como amor e desejo estão dispostos a novas articulações a depender das formas como se tensionam os *sentidos* atualmente dispostos nas relações com o mundo.

“Não é que a vida tenha sido exaustivamente integrada em técnicas que a dominem e gerem; ela lhes escapa continuamente” (Foucault, 2019, p. 154). E parece que o homem contemporâneo, temendo sua condição indeterminada e aberta, age buscando suprimir todas as possibilidades que desmistificam diante de seus olhos a demonstração de sua fragilidade ontológica (Holzhey-Kuhns, 2018).

O que amores livres parecem demonstrar, de forma talvez velada, é a liberdade e a indeterminação da vida, sua não-natureza. Entretanto, o homem contemporâneo parece não conseguir ainda se familiarizar com essa liberdade ontológica, assim, tende a destruir o que o relembra de seu traço mais originário: o vazio de determinações.

## **Conclusão**

Este estudo tentou possibilitar um olhar para o sofrimento advindo da experiência homofóbica a partir da fenomenologia hermenêutica, demonstrando que esse método de pensamento e pesquisa possui uma forte base de sustentação para a compreensão e a interpretação dos delineamentos da vida.

O humano é atravessado pela normatividade compulsória do corpo, e sendo assim, os que se desajustam, possivelmente, sofrem as consequências de sua transgressão. Nesse contexto, é possível reconhecer no medo individual as ideias deterministas corporificando as experiências dos corpos que transgridem o ideal normativo.

O medo, a insegurança de amar fora da norma, parecem, segundo as reflexões aqui propostas, terem nexos com a estruturação de um mundo que tem padronizado inclusive os modos de desejar e amar, pois esse horizonte se formulou a partir de dogmas religiosos e métodos científicos que tendem à naturalização da vida e de seus afetos.

As ciências que trabalham com a saúde humana precisam estar sempre movendo-se na direção de uma maior apropriação da capacidade de acompanhar o movimento das existências e não somente sua catalogação. Vários autores embasados na fenomenologia – e citamos aqui Ana Maria Feijoo e Alice Holzhey-Kuns – conseguem tornar claro o quanto os modos de

existência ainda negam de maneira veemente seu caráter de indeterminado, o quanto ainda é quase insuportável dialogar com a ontologia humana enquanto um vazio de determinações. Pensar a transgressão da norma é estar diante do imperativo da indeterminação, o que ainda parece ser uma tarefa insuportável para alguns grupos humanos pois isso os coloca diante da angustiante tarefa de coordenar suas vidas.

Se os modos-de-ser se dão a partir de historicidade, se de antemão toda existência é um vazio de natureza e indeterminação, amor e desejo são fenômenos humanos e históricos. Assim, necessitam de liberdade para que possam se articular e modelar sua forma de mover-se, mas, para que essa liberdade seja possível, ainda é necessário caminhar com o humano na direção de confrontar e se relacionar com seu modo solto, indeterminado, arriscado, de ser.

Quando Alice Holzey-Kuns fala da ideia de *inclusão pré-ontológica* a autora nos mostra que experiências ônticas colocam o humano em contato com sua fragilidade ontológica, com seu risco de corrosão a partir da *indeterminação* e também da impossibilidade de contornar algumas das condições existenciais como o ser corporal por exemplo. Assim, parece que o confronto com as alteridades fora da norma chama à tona o caráter *compreensivo* de que na base de nossas vidas há sempre a possibilidade de uma transformação radical, o que pode remeter ao medo de perder a estabilidade existencial. Ou seja: se há amores tão diferentes, se desejos podem buscar relações tão fora do padrão, o que é, afinal, que pode dar estabilidade à vida? Tudo está em jogo. Parece que o contato com corpos, amores, desejos desnaturalizados pode também se caracterizar como uma *inclusão pré-ontológica*.

## Referências Bibliográficas

- Assis, M. (1904) *Esau e Jacó*. Ministério da Cultura: fundação biblioteca nacional - departamento nacional do livro. Recuperado de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000030.pdf>
- Bariani Junior, E. (2018) *O labirinto de Dédalos: a ideia de mundo como horizonte da existência humana*. Curitiba: Editora CRV.
- Binswanger, L. (2019) *Psicoterapia e análise existencial: ensaios, conferências e outros documentos*. (Marco Casanova, Trad.) Rio de Janeiro: Via Verita.
- Butler, J. (2000) *Corpos que pensa: sobre os limites discursivos do sexo*. In G. L. Louro. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Cabral, A. (2020) *Desidentidades e resistências: ensaio de alterogêneses político-existenciais*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Cabral, A. (2018) *Psicologia pós-identitária: da resistência existencial à crítica das matrizes cristãs da psicologia clínica moderna*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Casanova, M. (2018) *Da angústia ao cuidado: da suspensão dos sentidos cotidianos da existência à essência do existir como cuidado*. In E. Dutra (Org) *O desassossego humano na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Casanova, M. (2017) *Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de Ser e tempo: volume um: existência e mundaneidade*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Catecismo da Igreja Católica (2011). São Paulo: Edições Loyola.
- Feijoo, A. M. L. C. (2011) *A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais*. Rio de Janeiro: Edições IFEN: Via Verita
- Feijoo, A. M. L. C. (2017) *Existência e psicoterapia: da psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. (2020) *Hybris y psicoterapia como posibilidad de rescate de la medida existencial*. In A. M. L. C, Feijoo, & M. B. M. F., Lessa (Org), *Fenomenologia e práticas clínicas III*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. (2018) *Metà-Hodós: da fenomenologia hermenêutica à psicologia*. *Phenomenological Studies - Revista de Abordagem Gestáltica*. XXIV (3), pp.329-339. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672018000300007#:~:text=Ao%20tomarmos%20a%20fenomenologia%20e,se%20compreende%20em%20seu%20ser](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000300007#:~:text=Ao%20tomarmos%20a%20fenomenologia%20e,se%20compreende%20em%20seu%20ser). doi <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.7>
- Feijoo, A. M. L. C. (2021) *Suicídio e Luto: da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais*. Rio de Janeiro: Edições IFEN.
- Foucault, M. (2013) *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora.

- Foucault, M. (2019) *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (9a ed.) (Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque Trad.) Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2014) *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. (Raquel Ramallete, Tred.) (42a ed.) Petrópolis, Rj: Vozes.
- Han, B. (2017) *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, Rj: Vozes.
- Holzey-Kuns, A. (2018) *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia* (Marco Casanova, Trad.) Rio de Janeiro: Via Verita.
- Humanista Jornalismo e Direitos Humanos (2019) “Cura Gay” polariza eleição do conselho de psicologia, entenda a disputa. Rio Grande do Sul: Yuri Correa. Recuperado de <https://www.ufrgs.br/humanista/2019/08/08/cura-gay-polariza-eleicao-do-conselho-de-psicologia-entenda-a-disputa/>
- Krenak, A. (2020) *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lexikon Editori Digital Ltda (n.d) iDicionario Aulete. Rio de Janeiro: Lexicon Editora. Recuperado de <https://aulete.com.br/Dogma>
- Louro, G. L. (2000) Pedagogias da sexualidade. In G. L. Louro. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maux, A. A. B. & Dutra, E. M. S. (2020) Pensando o círculo hermenêutico como um caminho para a pesquisa em psicologia. *Estudos e pesquisa em psicologia*, 20(4), 1034-1048. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/56649#:~:text=Inspirado%20nas%20ideias%20apresentadas%20pelo,a%20pesquisa%20qualitativa%20em%20Psicologia>. Doi <https://doi.org/10.12957/epp.2020.56649>
- Mattar, C. M. (2016) *Psicologia, cuidado de si e clínica: diálogos com Kierkegaard e Foucault*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Protasio, M. M. (2012) Reflexões sobre as bases para a edificação de uma psicologia kierkegaardiana. *Estudos e pesquisa em psicologia*, 12(3), 817-832. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8217>
- Sartre, J. P. (1970) *O existencialismo é um humanismo* (Rita Correia Guedes, Trad.) Paris: Les Édition Nagel. Recuperado de [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao\\_leitura/filosofia/texto\\_pdf/existencialismo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/filosofia/texto_pdf/existencialismo.pdf)
- Silva, I. P. A & Cunha, T. R. A. (2013) O amor no ocidente: da pré-história à idade média. *X colóquio do museu pedagógico*, 10(1), 2559-2570. Recuperado de <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/3201/2893>